



DITADURA E PATRIARCADO: UM OLHAR PARA A PERSONAGEM INÊS, DE TÂNIA JAMARDO FAILLACE

Glesyane Lopes Reis do Nascimento – glesylopes@hotmail.com
Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil; bolsista CNPq;
<http://orcid.org/0000-0002-6801-2062>

Alexandra Santos Pinheiro – alexandrapinheiro@ufgd.edu.br
Universidade Federal da Grande Dourados, UFGD, Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil;
<http://lattes.cnpq.br/9511220028923806>

RESUMO: Com o intuito de analisar a resistência feminina, característica marcante das personagens que compõem as obras de Tânia Jamardo Faillace, o presente artigo pretende investigar a composição da personagem Inês, protagonista do conto “O 35º Ano de Inês”, levando em consideração o contexto histórico no qual tanto a personagem quanto a autora estão inseridas. Diante da ascensão da ditadura militar e perante uma sociedade marcada por um discurso predominantemente masculino, a análise pretende demonstrar como Inês resiste mesmo em meio a um ambiente repressor, além de observar como Faillace retrata tais assuntos como pano de fundo em suas escritas, principalmente as influências do patriarcado presente durante todo o enredo do conto. Inseridas na década de 70, ambas, autora e personagem, nos expõem à resistência feminina, que transgride as barreiras da opressão e demarca seu lugar na sociedade. Por mais que suas atitudes gerem consequências, elas assumem o risco de permitirem-se ser como são e o direito de pertencerem a si mesmas. Subvertem o sistema do qual pertencem, rompendo com a barreira do que era até então fortemente negado às mulheres, o direito de ser e estar no mundo enquanto indivíduo de uma sociedade civil. A pesquisa é de viés bibliográfico, com foco no contexto histórico da escritora, tomado aqui como uma significativa influência em seus escritos, além de pesquisas voltadas para a vida pessoal de Faillace.

PALAVRAS-CHAVE: Tânia Jamardo Faillace; Resistência feminina; Ditadura militar; Patriarcado.

1 INTRODUÇÃO

O meu feminismo é mais ou menos espontâneo, original. Eu sempre achei que a mulher era o primeiro sexo e o homem, o segundo. Quando eu descobri que no mundo externo era tudo muito ao contrário, fiquei bastante surpresa. Para mim, as mulheres é que garantiam a vida e os homens eram enfeite, eram a graça e a diversão (Tânia Jamardo Faillace).

O *35º Ano de Inês* (1971) é uma coletânea composta por três contos literários escritos por Tânia Jamardo Faillace. As narrativas retratam três diferentes personagens femininas, no auge da ditadura militar brasileira: Inês, Antonieta e uma personagem do terceiro conto, que não é nomeada. Esta análise vai se ater à primeira delas, que dá nome à obra. Contista, dramaturga, romancista, jornalista e pintora, Faillace, embora tenha realizado uma única exposição de quadros a óleo, aos 19 anos, afirmou, em entrevista concedida a Carlos Stein, que a pintura faz parte do seu processo de escrita, sendo fundamental

para que ela conseguisse se expressar ao escrever suas obras: Eu tinha dificuldade de me expressar com palavras. Era muito mais fácil desenhar (FAILLACE, 1998, p. 4).

Na mesma entrevista, Faillace apresenta o seu processo de criação, dando destaque para a “consciência” criativa do autor e para a sua fonte de inspiração, que seria o ser humano e a sua complexidade:

Eu não escrevo em cima das palavras; escrevo em cima das situações. As palavras, elas vêm para pintar a situação porque realmente é esta que interessa. Cada vez mais me interessa o ser humano, a pessoa e as relações entre as pessoas. Não consigo sentir a arte como uma coisa artesanal, filigranada ou uma mera questão de forma [...] De um modo geral, posso dizer que tudo que faço, embora em menina não tivesse esta consciência, é uma forma de militância. Eu não estou satisfeita com nada do que existe aí. Então, escrever é forma de analisar o mundo no qual vivo e de procurar as causas, inclusive, os absurdos da sociedade, das relações entre as pessoas, da visão de mundo que elas têm, dos confrontos ideológicos e do artificialismo, que é o sistema que a gente vive (FAILLACE, 1998, p. 5).

Tânia Jamardo Faillace nasceu em 30 de janeiro de 1939, em Porto Alegre, onde ainda reside. Em 1961, começou a trabalhar numa empresa, a ASCAR (atual EMATER). Foi nessa época que se dedicou com avidez à literatura, nas horas vagas, quando seu emprego lhe permitia. Sua carreira jornalística foi iniciada no jornal *Zero Hora*, onde manteve, por quase três anos, uma famosa coluna de conselhos sentimentais, “Correio do Coração”, a qual lhe proporcionou muita experiência na área humana. Como repórter, em 1966, participou da primeira cobertura jornalística no país sobre a tortura no regime militar (o caso das “Mãos Amarradas”). Durante a sua carreira jornalística, a autora atuou nos setores correspondentes a questões urbanas e sociais (miséria, exclusão social, condições de trabalho, subabitações, periferia), econômicas, tecnológicas, sindicais e policiais. Sua experiência enquanto jornalista lhe proporcionou o contato com diferentes vivências, que se tornaram influenciadoras para sua escrita, como ela mesma destaca no depoimento que compõe as primeiras páginas de sua obra *Tradições, Família e Outras Estórias* (1978):

Fui trabalhar. Não casei e tive um filho. Acabei em jornal. Fiz correio do coração, reportagem geral, reportagem policial, radioteatro. Tudo isso me deixou as coisas bastante claras. O que era intuitivo - os quadros que pinteí durante a adolescência, minha novela *Fuga*, alguns contos - foi-se sistematizando. A emoção, o desejo de comunicação com o Outro (o lado ator/atriz) constituem a motivação do estado “desejo compulsivo de escrever”. Sobre isso, organizo, analiso, descubro, brinco muitas vezes. Não deixo mais nada ao acaso. É uma responsabilidade muito grande (FAILLACE, 1978, p. 6).

Diante das tentativas de um golpe militar, no Rio Grande do Sul, estado de Faillace, Leonel de Moura Brizola torna-se uma das lideranças políticas mais representativas contra o golpe, “O governador torna-se, no Brasil, a primeira liderança civil a enfrentar abertamente um golpe militar” (FERREIRA; GOMES, 2014, p. 37). O estado faz uma das defesas pelo cumprimento da Constituição Federal de 1946, em que assegura a João Goulart o direito de substituir o presidente renunciante, resistindo, assim, a

iminência da ditadura militar: “O Rio Grande do Sul convergiu para a defesa da legalidade. Para que se tenha uma ideia, os clubes do Grêmio e do Internacional emitiram documento conjunto defendendo a posse de Goulart” (FERREIRA; GOMES, 2014, p. 41).

A defesa pela legalidade não se restringiu apenas a esse estado, mas amplos setores da sociedade brasileira também se mobilizaram, entretanto, se instalava uma crise política e os ministros militares veemente afirmavam não aceitar a Jango na presidência, “para eles sinônimo de caos e de comunismo. O golpe militar permanecia armado. Ou se partiria para uma guerra civil ou se encontraria uma saída pacífica negociada” (FERREIRA; GOMES, 2014, p. 43).

Apesar de Jango chegar à presidência, não cessaram esforços para atacarem a sua legitimidade no cargo. Uma série de acontecimentos levou a participação da própria população a favor do golpe, sendo inclusive defendida e utilizada a nomenclatura Ditadura Civil-Militar por Daniel Aarão Reis (2014) em seus escritos. Tal nomenclatura proporciona uma melhor concretude para compreender o golpe de Estado, e valida o suporte dado pelos civis para a tomada do poder pelos militares, como, por exemplo, a campanha denominada “A marcha da família com Deus pela liberdade”, além de financiamentos de empresários e o “medo do comunismo” que se instaurava na população. No dia 1 de abril de 1964, ocorre o golpe militar e ascende ao poder como o novo presidente Humberto de Alencar Castelo Branco.

Instaura-se um ambiente de repressão política, opressão e conservadorismo. O país é então submergido a uma violência velada e episódios de torturas se tornam mais recorrentes. Diante de uma sociedade reprimida e alienada, os jornais, cinema, literatura e outros meios de cultura são censurados, na tentativa de moldar, cada vez mais, a população. É perante tal cenário que Faillace é demitida, pois a redação do jornal para o qual trabalhava passou a ser meticulosamente espionada por agente do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social). Os anos de maior produção da escritora foram entre os anos de 1960 e 1980. Neste momento histórico instável, devido ao contexto político, a autora publicou suas principais obras, em que seu viés político vem à tona:

A produção de contos de Tânia compõe mesmo um álbum de fotografias que, nas décadas de 1960 e 1970, desvenda o íntimo do ser humano, seus desencontros e a assimetria política, social, cultural e de gênero em que se vivia e ainda se vive. Em especial, chamo atenção para mulher da sua ficção, que após a década de 1960, começa a atentar para sua própria identidade enquanto ser humano. A mulher que se vê perdida e é obrigada a repensar, e reconstruir ou redelinear o seu lugar (POLESSO, 2011, p. 21-22).

Militante sindical durante muitos anos, sua atuação política ficou ainda mais evidente quando, ao final da década de 1970, filiou-se ao grupo que fundaria o Partido dos Trabalhadores (PT). Sendo parte de uma sociedade politicamente fragilizada, Faillace traz à tona, por meio de suas produções, a realidade política, social, cultural e de gênero da sociedade brasileira. Sua escrita atua como um ato político na tentativa de desvendar e expor o íntimo do ser humano. Em especial, as personagens femininas de sua

ficção, que passam a refletir sobre sua própria identidade enquanto indivíduo. Nesta perspectiva, o objetivo do presente trabalho é investigar a composição da personagem Inês, protagonista do conto “O 35º Ano de Inês”, com o intuito de analisar a resistência feminina, que é característica marcante das personagens que compõem as obras da autora. A metodologia aplicada, vale destacar, foi a pesquisa bibliográfica, com foco no contexto histórico, no qual tanto a escritora quanto a personagem estão inseridas, tomado aqui como uma significativa influência na escrita de Faillace e na construção de suas personagens. O conto analisado a seguir traz as marcas de uma escritora política e sensível. A personagem Inês, representada a partir da complexidade da relação patriarcal e ditatorial de sua época, abdica de seus desejos e vive em função das pessoas a sua volta, até que toma consciência de si e começa a resistir à ordem imposta. A autora nos permite identificar uma resistência feminina que transgride as barreiras da opressão e demarca seu lugar na sociedade, construindo uma protagonista que assume o risco de suas escolhas. Inês pertence a si mesma, negando-se a voltar aos moldes de sua família e ao que a sociedade a impunha.

2 A RESISTÊNCIA DE INÊS E AS MARCAS DO PATRIARCADO

Aos 32 anos, em 1971, Faillace publica *O 35º Ano de Inês*, apresentando a realidade de três personagens femininas pertencentes a uma sociedade fortemente patriarcal. Nos três contos, é notável que a construção das personagens sofre influência do contexto histórico em que se encontram. A autora retrata, algumas vezes indiretamente e em outros momentos de forma muito clara, os *tabus* da sociedade de sua época. O primeiro conto do livro, “O 35º Ano de Inês”, apresenta a história de Inês, uma mulher que, de início, demonstra estar conformada com a realidade imposta pela sociedade patriarcal em que vive. Sua vida estava em função de exercer seu papel social de uma mulher quieta, dedicada à mãe, às irmãs e aos sobrinhos, deixando em segundo plano seus anseios pessoais. Porém, após completar 34 anos de idade, ela começa a tomar consciência de si mesma e dos desejos até então reprimidos.

No momento inicial, o narrador ressalta uma visão superficial que a personagem Inês tem sobre si e as incertezas que possui sobre sua própria vida, diante da insatisfação de ser ela mesma. Essa insatisfação é destacada devido à opressão de seus desejos, o que perpassa por todo o conto. Já nas primeiras linhas, percebe-se as exigências pessoais da personagem consigo mesma em busca de uma ação. “Dissera-se sempre: ‘Bom, chego aos trinta e aí faço alguma coisa’. Chegara e deixara o tempo passar. Adiar o momento... quem sabe? [...] Agora, era preciso definir-se” (FAILLACE, 1971, p. 6).

Inês encontra-se frágil. Sem condições emocionais para se autocompreender, chegara aos 34 anos e precisava definir-se, mesmo que não soubesse o que fazer ou como fazer para chegar ao resultado que suprisse suas exigências pessoais e as externas, em especial de sua família. “Era preciso definir-se”

(FAILLACE, 1971, p. 6). Definir-se era algo exigido pelas pessoas a sua volta e por mais que isso, de certo modo, a agredisse, ela agora precisava agir.

A mãe da protagonista é representada como a grande influenciadora da maneira com que Inês concebe a si e ao mundo à sua volta. O olhar materno destaca os limites da protagonista: ela é a filha mais velha, é solteira, ou seja, “aquela que ficou para tia”, e além disso, tem estereótipos físicos ditos como masculinos. A mãe impõe à personagem Inês as características de uma mulher ideal: fértil, esposa, dona de casa e todas as demais construções sociais de gênero:

... fora beber água no banheiro. Sua mãe sempre implicava com isso: “Homem é que costuma levantar-se para beber água na torneira. E depois, andando pela casa sem um chambre... e descalça, ainda por cima...” [...] “Sua tia ficou estéril por causa disso. Uma friagem que pegou nos ovários, quando era menina”. [...] “E porque é que eu precisaria de ovários saudáveis e em pleno funcionamento?” – costumava retrucar em seu interior. Só em seu interior. Só em seu interior. Para fora, não dizia nada: “É calada por natureza” - explicava a mãe - “Desde pequena, só fala quando a gente lhe pergunta as coisas. Não sei a quem terá puxado. Sem graça... [...] Depois que as outras casaram...” As outras haviam casado, era verdade. E já tinham filhos. Ela, a mais velha, ficara (FAILLACE, 1971, p. 6).

Desta forma, apesar de a protagonista viver em uma família chefiada por uma mulher, a sua mãe reproduz concepções enraizadas na sociedade patriarcal. Como bem ressaltado por Saffioti, o patriarcado pode ser uma ferramenta também utilizada por mulheres: “Além de o patriarcado fomentar a guerra entre as mulheres, funciona como uma engrenagem quase automática, pois pode ser acionada por qualquer um, inclusive por mulheres” (SAFFIOTI, 2004, p. 101). Inês se conformara com sua realidade e as imposições das concepções que criaram dela, fazendo destas sua realidade e uma verdade. Devido aos seus estereótipos masculinos, a personagem vê como alternativa ser mais comportada, passiva, como uma válvula de escape e autoproteção. “Estava agora provado, mais do que provado e comprovado, que sua vida não teria qualquer mudança. Estabilizada, sim. Estabilizada desde criança. Fora uma menina quieta. Uma mocinha quieta. Uma mulher quieta” (FAILLACE, 1971, p. 7).

Como salientamos anteriormente, a personagem tem uma concepção sobre si mesma a partir do ponto de vista do outro. Neste sentido, os julgamentos da mãe eram os mais revisitados quando desejava saber “quem era”: “Quando queria saber quem era, bastava sintonizar a memória... ‘Grande demais, não sei a quem foi puxar... Nenhuma roupa lhe serve... Tem um jeito masculino, essa menina’” (FAILLACE, 1971, p. 7). Sua mãe reforça a todo o momento os estereótipos masculinos da personagem, criando-se a ideia de que a mesma, por ter traços físicos ditos como masculinos, se torna “menos” mulher e feminina.

A autoestima de Inês, conseqüentemente, é trabalhada a partir da visão que sua mãe tem sobre ela: “Graças a Deus, seu pai nos deixou o suficiente... Com sua idade, você não conseguiria um emprego decente. Melhor ficar em casa, mesmo” (FAILLACE, 1971, p. 7). A personagem poderia representar uma metáfora em relação a uma grande parte de mulheres que vivenciam uma violência simbólica, fruto dos

convencionalismos, instrumentos de dominação na época (e que ainda perduram no século XXI). Além disso, a forma caricata que a mãe da protagonista a descreve torna-se cruel, fazendo com que Inês acabe por tomar essa visão de sua mãe como uma verdade. Ao olhar dos outros, ela aparenta ser pacífica, porém, com uma aparência amedrontadora, causando estranhamento aos seus familiares, às pessoas à sua volta e a si mesma. Pois Inês vive imersa em uma cultura machista, que produz conceitos de gênero, do que seria masculino e feminino, além de ditar o que cabe ou não às mulheres dentro de uma sociedade.

Inês é vista como uma peça errada do quebra cabeça que é a sua família e a sociedade. As tentativas de tratá-la com certa piedade, para assim amenizar o mal-estar causado na personagem, reforçam ainda mais o lugar deslocado ocupado por Inês: “Inês no fundo é uma boa filha. É só entendê-la” (FAILLACE, 1971, p. 8). Entretanto, levanta-se o questionamento do que teria feito Inês para ser uma filha ruim. Os entendimentos estão longe de serem solucionados, e as indagações da mãe só deixa mais acentuada a opressão com a qual a protagonista tem que lidar. A mãe de Inês não reconhece nela os ideais que havia projetado. Assim, não via na filha os atributos necessários para que ela cumprisse com seu papel de mulher. Partindo desse princípio, pode-se deduzir que a construção social é decorrente da repressão patriarcal, e que tais princípios foram também impostos à mãe de Inês em sua formação enquanto mulher. Saffioti (2011) descreve como a máquina do patriarcado funciona até mesmo quando acionada por mulheres, ao dissertar sobre o filme *Lanternas Vermelhas*: “fica bem claro que a figura do patriarca pode ser encarnada por qualquer cidadão” (SAFFIOTI, 2001, p. 115):

Durante toda a película, não se vê o rosto deste homem, revelando este fato que Zhang Yimou captou corretamente esta estrutura hierárquica, que confere aos homens o direito de dominar as mulheres, independentemente da figura humana singular investida de poder. Quer se trate de Pedro, João ou Zé Ninguém, a máquina funciona até mesmo acionada por mulheres. Aliás, imbuídas da ideologia que dá cobertura ao patriarcado, mulheres desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes, segundo a lei do pai. Ainda que não sejam cúmplices deste regime, colaboram para alimentá-lo (SAFFIOTI, 2011, p. 102).

Por mais que Inês pensasse em transgredir e sair da sua zona de conforto, ela estava submetida a uma sociedade que a sufocava, sofrendo por anos uma dominação patriarcal. Além disso, mesmo que de forma discreta, a autora nos expõe em um trecho do conto uma ambientação sobre o atual momento instável do país. A protagonista, portanto, tem também de lidar com a censura que pairava sobre a população devido às mordanças da ditadura militar, em que, transgredir ao sistema era muitas vezes assinar uma sentença de sofrimentos:

As notícias sucediam-se. Quanta coisa acontecendo no mundo! Como era fácil persuadir-se de que aquele era mais um programa feito para divertir gente como ela (Inês), gente que nunca saía de casa. Outra gente morria, com dor com pavor... gritava, exaltava-se... desfilava em sua pura vaidade de ser alguém... (FAILLACE, 1971, p. 12).

A protagonista está em um constante paradoxo. É alguém sem poder de fala, mas em um corpo volumoso, quase que amedrontador. Inês retém em suas memórias momentos em que deixa transparecer, mesmo que de forma sutil, uma resistência. Como quando, aos 16 anos, desafia as expectativas familiares e passa a estudar e a trabalhar:

Pusera-se na cabeça que deveria estudar de noite e trabalhar de dia no armazém do pai. Toda a família reclamara, principalmente a mãe, que precisava dela para cuidar das irmãs. Mas ela insistira com seu jeito calmo e obstinado de sempre. O pai cedera. E ela ia ao ginásio de noite. Era o que queria (FAILLACE, 1971, p. 12).

Tais atitudes eram vistas pela mãe como teimosias da filha, e ela “teimava” não só nas atitudes exteriorizadas. Interiormente, o processo de amadurecimento também é acionado na personagem: “Tinha um orgulho, ainda infantil, de sua altura, de suas mãos grandes, de seu tapa violento. Sentia-se capaz de enfrentar qualquer um” (FAILLACE, 1971, p. 12-13). Já em outros momentos, mesmo que essa resistência crie forma em seus pensamentos, ela é silenciada, pois não encontra amparo em uma sociedade machista a qual Inês pertence. Por exemplo, na infância, ela pensa em ser uma “moça-rapaz”, assumindo a postura de protetora do menino com o qual tinha um flerte na escola. De qualquer forma, Inês mantinha reprimida a vontade de poder ser livre, já que em nossa sociedade é negado à mulher que ela exerça uma posição de poder, seja sobre ela mesma, seja perante a sociedade:

Era um rapaz bonito [...]. Ela o imaginava inteligente... artista, quem sabe... Morreria de fome sem ela. Ela o ampararia, estava resolvido. Trabalharia pelos dois, e ele seria livre para dar forma a toda beleza que existia dentro de si (FAILLACE, 1971, p.13).

O desejo intrínseco de Inês em se tornar uma “moça-rapaz” talvez se deva ao fato de as mulheres historicamente terem sido excluídas da categoria “indivíduos”, sendo vistas naturalmente como submissas, diferentemente dos homens, que são categorizados como indivíduos livres. Como bem analisado e exemplificado na obra de Carole Pateman, ao longo da história da humanidade, foi negado às mulheres o direito de participarem de questões políticas, não sendo ativas enquanto sociedade civil:

As mulheres são incorporadas a uma esfera que ao mesmo tempo faz e não faz parte da sociedade civil, mas que está separada da esfera “civil”. A antinomia privado/público é uma outra expressão das divisões natural/civil e mulheres/homens. A esfera privada, feminina (natural) e a esfera pública, masculina (civil) são contrárias, mas uma adquire significado a partir da outra, e o sentido de liberdade civil da vida pública é ressaltado quando ele contraposto à sujeição natural que caracteriza o domínio privado [...] O significado do que é ser um “indivíduo”, produtor de contratos e civilmente livre, é revelado através da sujeição das mulheres dentro da esfera privada (PATEMAN, 1993, p. 28).

As mulheres foram e, de certa forma, ainda são consideradas necessárias apenas para realizar os papéis de esposa e mãe, devendo abdicar de si mesmas para submeterem-se aos seus maridos: “Os capitalistas podem explorar os trabalhadores e os maridos podem explorar as esposas porque

trabalhadores e esposas constituem-se em subordinados através dos contratos de trabalho e casamento” (PATEMAN, 1993, p. 24). Com a ascensão do mercado capitalista patriarcal, estruturou-se uma divisão sexual de trabalho em que as mulheres são mal remuneradas e o casamento ainda acaba sendo algo vantajoso economicamente para elas. Portanto, Inês carrega a influência histórica em que, por muito tempo, as mulheres eram vistas como aptas apenas para serem “donas de casa” e submissas aos seus maridos:

O mercado capitalista é patriarcal, estruturado pela divisão sexual do trabalho. A segregação sexual da força de trabalho, e a preservação dos locais de trabalho como arenas da solidariedade fraterna, permaneceram relativamente imutáveis durante o século XX. A maioria das mulheres encontra empregos remunerados somente em uma pequena quantidade de profissões de *status* inferior e mal remuneradas, nas quais trabalhavam lado a lado com outras mulheres e são dirigidas por homens e, apesar da legislação da igualdade salarial, ganham menos que os homens. O casamento continua, portanto, a ser economicamente vantajoso para a maioria das mulheres. Além disso, a pressão social para que as mulheres se tornarem esposas é tão forte quanto econômica. As mulheres solteiras não tem uma situação social definida e aceitável; torna-se a esposa de um homem ainda é o principal meio pelo qual a maioria das mulheres obtém uma identidade social reconhecida. Fundamentalmente, se as mulheres exercessem sua liberdade de permanecer solteiras em larga escala, os homens não poderiam se tornar maridos - e o contrato sexual seria abalado (PATEMAN, 1993, p. 197-198).

Apesar dos delírios românticos de Inês, a primeira experiência relacionada à sua sexualidade se concretiza de forma muito diferente dos seus anseios. O episódio ocorreu em uma noite fria de inverno, em que a personagem voltava do colégio. A cena descrita possui um ar obscuro, de certa forma fantasmagórico. Inês encontra com um homem caído no chão “em pleno estupor de embriaguez”:

O homem estava lá, braços e pernas abertas bem espalhadas, boca aberta, submerso num hálito espesso de cachaça. [...] “Um homem tão moço... que tristeza...” Mas não sentia tristeza, apenas uma curiosidade, [...] Pois de repente estava deitada sobre o homem e o beijava. [...] E não falara nunca mais com seu flerte de olhos meigos [...]. Na semana seguinte soubera que o homem estava no hospital, morrendo. “Tuberculose...” (FAILLACE, 1971, p.13-14).

A sua transgressão conectada à doença do rapaz aponta para uma desinquietação da protagonista, associada talvez a uma punição do seu desejo. O ocorrido desperta a sexualidade de Inês, mas, ao mesmo tempo, lhe causa espanto: a curiosidade pelo desconhecido e o anseio por uma nova experiência desestrutura a personagem. Ela sofre tanto pelo ocorrido que sai do ginásio, abandona os estudos, o basquete, o trabalho, como se estivesse se punindo: quando teve a “oportunidade”, ela se deu para alguém desacordado, que não retribuiria seus desejos. Assim, gradativamente, sua personalidade vai se apagando, marcando, dessa forma, o começo de sua vida adulta: “Saíra do ginásio noturno, abandonara o estudo, o basquete, o armazém... A mãe se regozijara: chegada a hora de prepará-la para o casamento, qualquer

casamento. Cozinhar, lavar, cuidar de crianças... arrumar-se, conhecer bons partidos... Ela era fria, apática e sem-graça. Na altura de seus vinte e cinco anos, a mãe desistira” (FAILLACE, 1971, p. 14-15).

Na passagem acima, é possível ver os ideais de Inês sendo deixados de lado, dando lugar às frustrações. A mãe, que vê então uma chance de realizar os desejos que projetava na filha, após vários anos de espera, acaba também se frustrando e desistindo da ideia de que Inês viria a cumprir com as suas aspirações de se casar, ser dona de casa, e também, mãe.

Como analisado no fragmento anterior, Inês é sempre arrastada para um contexto repressor, tendo suas vontades silenciadas na tentativa de moldá-las conforme a vontade de sua mãe e de sua família. Suas trajetórias vão lhe causando certo desconforto, e a violência simbólica que a cerca lhe agride ao ponto de ser incapaz de exteriorizar os seus questionamentos, o que faz com que suas inquietações se percam em seu cotidiano:

Ah, já tinha atravessado outras crises. Crises que evoluíam soturnamente, que, numa certa madrugada explodiam em lágrimas e protestos inarticulados [...]. No quintal, sentou-se no chão. [...]. Se fosse poeta, Inês teria podido justificar suas mãos cheias de terra, suas unhas que raspavam a rudeza do chão, do tronco... se fosse idiota, ou se estivesse apaixonada também. Mas sozinha, sentada no chão, junto ao escuro de uma árvore, ela não tinha explicação (FAILLACE, 1971, p. 15-16).

A instabilidade da personagem toma proporções maiores quando, em um episódio em que ela vai até o centro da cidade, tudo o que acontece lhe gera insatisfações, e ela é incapaz de exteriorizar o que lhe desagradava. Entretanto, nesse mesmo episódio, é possível notar que Inês começa a personificar melhor a sua resistência. Por mais que ela não exponha em palavras e ações o que lhe insatisfaz, a protagonista indaga de forma mais crítica os acontecimentos à sua volta. Essas análises críticas têm início logo quando ela está no ônibus:

Pegara uma fila enorme no terminal do ônibus, espera o carro seguinte, senta-se. [...] E ocupava muito mais espaço que a outra, apesar de sua gravidez, obstruindo o caminho do jornal, aprisionando uma pasta, impedindo o socorro da outra mão. O homem se remexia, impaciente e irritado. E ela se fazia de lerdá, de inocente. Por pura pirraça. [...] Que direito tinha aquele homem de dispor de sua comodidade? (FAILLACE, 1971, p. 17).

Nessa passagem, podemos nitidamente perceber que, além de Inês se sentir incomodada, ela também provoca incômodo, mudando a visão que se tem da protagonista. A partir disso, ela passa por um processo de libertação do entorpecimento em que estava devido aos anos exposta a um discurso repressor. A cena que se segue do encontro com o desconhecido do ônibus remete, novamente, a situações adversas, relacionadas à sexualidade da protagonista. O envolvimento com o homem tanto lhe causa desconforto como pode ser capaz de resgatar a sua sexualidade. Entretanto, por mais que Inês possa ter esse resgate, quando o homem descobre sua virgindade, ele a expulsa de sua casa em meio aos gritos: “Mas quando é que pensa em ir embora? [...] Merda de mulher!” (FAILLACE, 1971, p. 20). Logo

em seguida, o ocorrido funciona como um combustível para desencadear em Inês pensamentos depreciativos sobre si e sobre a sua condição de mulher: “E fora deflorada naquela tarde, com 34 anos e 26 dias. Mas a palavra era idiota - assentava para mocinhas, menores, noivas, não para solteironas atarantadas. E o homem a chamara de porcaria” (FAILLACE, 1971, p. 21).

Logo após tais acontecimentos, Inês deixa vir à tona o receio de ser ela mesma devido às influências externas em sua vida, de como ela concebe sobre si e sobre as coisas a sua volta: “Deixara-se ir de um dia a outro, sem procurar saber alguma coisa. Sobre a vida. Sobre ela mesma. Agora não era ninguém. Mas nunca fora. Passara despercebida e embrutecera em sua solidão...” (FAILLACE, 1971, p. 22). Mas, apesar de tais indagações, a protagonista também tem contato com as fragilidades do homem que conhecera no ônibus, passando assim, por um processo de novas descobertas, voltando o seu olhar também para o outro: “Inês não tinha raiva do homem. Grosseria, como feiúra, como desajeitamento, também era carência. Inês até sentia pena dele. Que possuía um cachorro na corrente, que se julgava livre porque sua casa estava vazia” (FAILLACE, 1971, p. 22). A personagem começa a conhecer outras realidades e vivências, algo que acrescentará no seu processo de autoconhecimento.

No ápice da narrativa, Inês é tomada por sentimentos reprimidos e sente prazer ao descobrir novas sensações. Quando conhece José Carlos, um feirante de pouco mais de vinte anos, a personagem recupera sua força interior, passando a exteriorizar aquilo que, na verdade, sempre esteve intrínseco nela, gerando conflitos com sua família. Mesmo existindo a possibilidade de se machucar novamente, Inês decide tomar a iniciativa com o rapaz. Por mais que houvesse dificuldade por ele ser casado e sua família estar sempre por perto, ela encontra nele a libertação para os seus desejos, um meio do qual ela usufrui para a sua liberdade sexual e de afeto:

Ela estava deslumbrada... como havia coisas! Seu desejo se decompunha – ou compunha – em infinitades de emoções diferentes... e havia uma parte feita de violência pura, de impulso cego, de osso, de músculo, de tensão... e outra parte branda, móvel, fluida, de reconhecimento, de ternura até... (FAILLACE, 1971, p. 26).

No primeiro encontro, José Carlos é compreensivo com a falta de “experiência” sexual de Inês e se mostra interessado a manter os encontros com ela. O rapaz havia ido se encontrar com a protagonista com a desculpa de que iria cobrar uma determinada pessoa, sobre uma quantia de dinheiro que o devia, então ele diz a Inês: “Eu disse a ele que me passaram o calote e que ia cobrar [...] vai ter que pagar, dona. Ou meu pai não me sai de cima” (FAILLACE, 1971, p. 25), entretanto, ao final do encontro, quando a protagonista lhe dá o dinheiro, José Carlos recusa bruscamente ser pago: “Ele recusou o seu dinheiro: - Sou homem, não sou puto” (FAILLACE, 1971, p. 27). Mesmo demonstrando ser alguém com pensamentos mais liberais, o rapaz preserva os resquícios do discurso patriarcal intrínseco na sociedade. Como ressaltado por Saffioti (2004), o patriarcado é algo negativo também para os homens, que são educados para serem mais fortes, valentes, viris, e o personagem sofre com as consequências desses

conceitos enraizados na sociedade, em que o machismo atua em várias esferas, sendo ruim não somente para as mulheres, mas também para os homens:

Elas são socializadas para desenvolver comportamentos dóceis, cordatos, apaziguadores. Os homens, ao contrário, são estimulados a desenvolver condutas agressivas, perigosas, que revelem força e coragem. [...] E este papel de provedor constitui o elemento de maior peso na definição da virilidade (SAFFIOTI, 2004, p. 35).

A partir deste primeiro encontro, vários outros se seguiram, marcados às segundas-feiras. O local era a casa cedida de um amigo. Inês respeitava a “masculinidade” de José Carlos, ao deixá-lo pagar pelo local em semanas alternadas: “Numa semana era ele quem pagava ao tal amigo a cessão da casa, na outra, era ela. Assim, todos ficavam contentes: ele, por ser homem; ela, por ter mais dinheiro; o amigo, porque não deixava de receber e tinha uma porção de filhos” (FAILLACE, 1971, p. 28).

Inês passa a se descobrir realmente enquanto mulher, sendo capaz de ter uma relação mais madura, explorando seus sentimentos e anseios: “Inês se desinibia. O rapaz era paciente e sentia-se orgulhoso em suas funções de monitor. E depois achava prazer em tudo” (FAILLACE, 1971, p. 28). Nas pequenas coisas, é possível notar a liberdade e a felicidade da personagem:

Quando estava quente, passeavam depois pelo morro, chutando pedras, trepando em barrancos abruptos, por vezes tornando a amar-se dentro de alguma macega. O amor era então rápido, violento, mesmo bruto, e ambos levantavam-se cansados, machucados e felizes. Quando fazia frio, tudo se tornava mais lento, mais macio, mais terno [...] e era um torpor sensual, prolongado, sem tempo, sem urgência, uma cascata de desfalecimentos intermitentes, parciais, encadeados, até um aniquilamento final do qual emergiam tranqüilos, e sem memória (FAILLACE, 1971, p. 28).

O relacionamento dos dois permite que Inês passe a se enxergar de outra forma, sendo mais gentil consigo mesma. Sabia agora que era sim uma mulher. Reconhecia a beleza em suas curvas e em seu corpo, mesmo que grande e fora dos padrões. Atestava também que não havia nada de errado em ser loura, e que isso não era sinônimo de ser “sem tempero”:

Inês estava mudando. Cortou o cabelo. Bem curto. [...] A mãe protestou: “Mas que idéia mais estapafúrdia! Já tens um jeito masculino... agora, com esse cabelo *à la homme*, estás muito pior!” Inês sabia que isso não era verdade. Tomava consciência de seus quadris largos, bem nutridos, de fêmea inconfundível... seus seios redondos bonitos... desmascarava a mentira de sua insipidez loura, o mito da morena misteriosa... e livrara-se do disfarce de solteirona pacata (FAILLACE, 1971, p.28-29).

Os protestos acerca das suas mudanças continuam: “As irmãs não estavam gostando. ‘Que é que tem a Inês, mãe? Ela parece tão esquisita... Está com o ar de uma dessas intelectuais emancipadas... Francamente, depois trintona, deu para ficar ridícula’” (FAILLACE, 1971, p. 29). Apesar dos comentários negativos sobre suas mudanças, Inês não se abala, se mantendo comprometida com suas realizações pessoais. No entanto, passados alguns meses, o relacionamento com José Carlos não poderia mais continuar, pois ele teria que voltar para o interior com a família. Sua partida deixa marcas em ambos. José

confessou a ela; “Vou sentir a tua falta. Nunca me senti tão bem com mulher nenhuma” (FAILLACE, 1971, p. 30). Já para a protagonista, a conquista da sua emancipação sexual, podendo enfim ter liberdade sobre seus desejos, transforma-se em um mar de incertezas. A conquista de reconhecer-se enquanto mulher, mas ter que permanecer no meio que lhe gera incômodos, soma para que Inês se sinta mais vulnerável:

Foram dias ociosos os que seguiram. E como ociosos, não querem dizer vazios... pois havia ressonâncias em toda aquela ausência [...]. Durante meses participava de uma espécie de desabrochamento de si mesma, de descobertas, de surpresas semanais, de riquezas insuspeitas... E esquecera todo o mundo exterior (FAILLACE, 1971, p.30).

Inês percebe que, não só ela, mas todas as mulheres de sua família são moldadas conforme conceitos de uma sociedade patriarcal, quando um de seus cunhados, Rubens, compara a personagem à sua mãe e suas irmãs: “Tu também és esquisita, Inês. Vocês todas são duras, rijas, frias. Mas tu até que és a melhor, a mais humana” (FAILLACE, 1971, p. 32). Inês então nota que não é só ela quem sofre com as opressões de uma sociedade patriarcal, não é só ela que tem sua voz silenciada e suas ações julgadas. Descobre, por meio do cunhado, ser a mais humana, a que mais questiona, a que mais transgredir, mas isso não impede que outras sejam também amortecidas, e sofram a repressão da sociedade. Enquanto mulher, suas escolhas são limitadas conforme o querer da sociedade que a cerca, transgredir essas imposições provoca a insatisfação nas pessoas, entretanto, Inês continua priorizando sua liberdade e, até mesmo aceita seus sofrimentos, mesmo que mais intensos, pois agora está vivendo como bem quer: “Agora ela sabia. E a consciência exata do que se passava nela ainda tornava as coisas piores, aguçava seus sentidos de modo quase doloroso” (FAILLACE, 1971, p. 37). Mesmo após o rompimento de um relacionamento, ela continua com sua nova aparência e conhecendo outros homens, identificando, muitas vezes, as fragilidades e as carências deles. Inês levanta questionamentos sobre os homens e a ordem das coisas à sua volta, o que a torna uma mulher à frente de seu tempo, superando um ambiente que constantemente a oprime:

Por que é que os homens sempre complicavam as coisas? Por que essa mania de classificação, de valores, de explicações? [...] Mas quem foi que distribuiu assim tão certinho o que é próprio de uma mulher, e o que é próprio de um homem? (FAILLACE, 1971, p. 38-39).

Seus questionamentos vão se aprofundando à medida que Inês percebe que ela não é a única fragilizada e angustiada. Ela passa a ter contato com a solidão das outras pessoas, percebendo suas carências e que também possuem incertezas. Em um momento de epifania, a protagonista se questiona sobre sua vida, suas escolhas, seus medos:

Tentava imaginar o que seria seu futuro. “Chego aos 30 anos, e aí faço alguma coisa”, [...] Chegara e fizera. Não uma coisa, mas uma série de coisas que anulavam-se umas às outras. E ela estava no mesmo lugar. Em casa, com sua mãe, fazendo as grandes faxinas, cuidando do jardim, [...] “Onde é que eu errei?”. Mas haveria algum erro em tudo aquilo?

Ou isso de erros e acertos não passaria de pontos de vista? [...] “O pai tinha medo de morrer”, pensava ela de repente – “todo mundo tem” (FAILLACE, 1971, p. 40).

As indagações da protagonista a faz olhar para dentro de si mesma. Percebe que, depois de todas as experiências pelas quais passou, ela ainda permanece estacionada onde sempre estivera: em sua casa, com sua mãe, refém de suas falas opressoras e seu olhar de reprovação. Após todas as vivências das quais teve contato, Inês constata que sempre esteve absorta em um ambiente que a diminuía a uma existência vazia, ela não se encaixa mais, ou talvez nunca se encaixou. A protagonista não quer regredir ao que era, tendo que ser obrigada a se encaixar novamente nos moldes da sociedade. Por fim, a personagem direciona-se até o quintal de sua casa ainda imersa em seus questionamentos:

Por que tanta pena sentia de repente? E de quem? [...]
Em pequena, pendurava-se nas árvores quando os outros não estavam vendo, e balançava-se de um lado a outro, as pernas escarvando o ar... Mas a quem ela estava procurando enganar? Agora não precisava mais. O lenço de nylon. Forte. O laço estava firme. Era só suspender-se um instante e enfiar a cabeça (FAILLACE, 1971, p. 42).

Diante de todas suas mudanças, Inês não poderia mais se sujeitar aos padrões esperados por sua família. Ela vivencia os conflitos de uma mulher que, dividida entre os preconceitos enraizados e a afirmação de sua sexualidade, acaba por render-se aos primeiros, sendo pressionada pelo sistema patriarcal da família e sentenciada a uma existência vazia. Sem condições de resistir a essas estruturas que a oprime e que ainda são fortes em nossa sociedade, ela se rende ao suicídio.

3 CONCLUSÃO: PENSAR É TRANSGREDIR

Na obra *Pensar é Transgredir* (2009), a autora Lya Luft ressalta que “Pensar pede audácia, pois refletir é transgredir a ordem do superficial que nos pressiona tanto” (LUFT, 2009, p. 21). Enfatiza ainda que “Para viver de verdade, pensando e repensando a existência, para que ela valha a pena, é preciso ser amado; e amar; e amar-se. Ter esperança; qualquer esperança. Questionar o que nos é imposto” (LUFT, 2009, p. 22). Inês transgredir e questiona o sistema que lhe é imposto, se permite ter novas experiências e passa a ter contato com novas vivências. Permite-se amar e ser amada. Liberta-se das amarras da opressão e se torna uma mulher livre e dona de si. Ela resiste à ordem imposta e o leitor é capaz de perceber o processo de amadurecimento da protagonista. De uma mulher de 34 anos, inocente, conformada, passiva, passamos a ver uma mulher que se desperta e transpassa as barreiras que delimitavam o que ela podia ou não fazer. O suicídio foi a forma final de resistência. Inês escolhe não regredir, escolhe não se diminuir para caber nos moldes que sua família e a sociedade impunham a ela.

Ante ao conto analisado, pode-se perceber a importância da escrita diante do momento histórico no qual a personagem Inês e a escritora Faillace estavam inseridas. A autora traz à superfície conflitos que pairavam sobre a sociedade, trata de tabus que ainda hoje podem ser identificados. Assim, ela

apresenta Inês como uma mulher que se questiona, e questiona as coisas a sua volta, apesar de pertencer a uma sociedade que dita como uma mulher deve ser e se comportar. A personagem rompe com esses padrões e percebe que está submersa em um meio que a reprime e a classifica. Ela é a representação de muitas mulheres que ainda são oprimidas e sofrem com a influência do patriarcado. Mas Inês transgredir o sistema, resiste e se mostra um ser pensante, que questiona.

Em meio a conflitos sociais devido a um momento instável que pairava sobre o país, Faillace apresenta uma história à frente do seu tempo. Apresenta-nos uma realidade vivida por tantas mulheres. Inês é a representação de resistência, é a mulher que subverte a um sistema de opressões. Publicar *O 35º Ano de Inês* é transgredir e resistir. Através de sua escrita crítica, Faillace traz à tona a escrita da mulher e a sua importância, rompendo com os preceitos sociais de sua época.

4 REFERÊNCIAS

FAILLACE, Tânia Jamardo. *O 35º ano de Inês*. In: **O 35º ano de Inês**. 2ed. Rio Grande do Sul: Editora Movimento, 1975, p. 6-42.

FAILLACE, Tânia Jamardo. **Autores Gaúchos**: Tânia Jamardo Faillace. 1ed. Porto Alegre: IEL, 1988. v. 17.

FAILLACE, Tânia Jamardo. **Tradição, Família e Outras Estórias**. 1ed. São Paulo: Ática, 1978.

FERREIRA, Jorge; GOMES, Angela de Castro. **1964**: O golpe que derrubou um presidente, pôs fim ao regime democrático e instituiu a ditadura no Brasil. 1ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

KUCINSKI, Bernado; TRONCA, Ítalo. **Pau de Arara**: A violência militar no Brasil. 1ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

LUFT, Lya. **Pensar é transgredir**. 14º ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

PATEMAN, Carole. **O Contrato Sexual**. Tradução de Marta Avancini. 1ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

POLESSO, Natalia Borges. **As Relações de Poder e o Espaço Urbano Como Região nos Contos de Tânia Jamardo Faillace**. 2011. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.

REIS, Daniel A; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo P. S. **A Ditadura Que Mudou o Brasil**. 1ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

SAFFIOTTI, Heleieth I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu – desdobramentos do feminismo**. Campinas, SP, n. 16, p. 115-136, ago. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2019.

SAFFIOTTI, Heleieth I. B. **Gênero, Patriarcado, Violência**. 1ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

Title

Dictatorship and Patriarchy: A look at the character Inês, by Tânia Jamardo Faillace.

Abstract

In order to analyze the female resistance, a striking feature of the characters that compose the writing of Tânia Jamardo Faillace, this paper intends to investigate the composition of the character Inês, the protagonist of the tale "O 35º Ano de Inês (The 35th Year of Inês)", considering the historical context in which both the character and the writer are inserted. Confronted by the rise of the military dictatorship and facing a society narrowed by a predominantly male discourse, the analysis intends to demonstrate how Inês resists even in a repressive environment, and also presents an observation of how Faillace portrays such subjects as a background in her writings, especially the influences of patriarchy, a theme present throughout the tale's plot. Ambiented in the 1970s, both author and character expose us to female resistance, which transgresses the barriers of oppression and demarcates its place in society. As much as their attitudes have consequences, they take the risk of allowing themselves to be as they are and the right to belong to themselves. They subvert the system to which they belong, breaking the barrier of what was strongly denied to women until then, the right to be in the world as an individual of a civil society. The research has bibliographical bias, with focus on the historical context of the writer, taken here as a significant influence on her writings, as well as research focused on Faillace's personal life.

Keywords

Tânia Jamardo Faillace; Female resistance; Military dictatorship; Patriarchy.

Recebido em: 13/05/2019.

Aceito em: 18/11/2019.